Scholl, 1992, S. 11-12

Revisão Tinka/Juliana 04/04/2012

Em um dia primaveril de fevereiro, após a batalha de Stalingrado, eu viajei de trem de Munique para Solln. Ao meu lado, na cabine do trem, estavam sentados dois membros do Partido Nazista conversando em voz baixa sobre os acontecimentos mais recentes de Munique. Haviam escrito “liberdade”, com letras grandes, nos muros da Universidade, “Abaixo Hitler” nas ruas, panfletos pelo chão convocavam para a resistência: a cidade estava transtornada como se houvesse sofrido um abalo. Embora tudo permanecesse como antes e a vida seguisse como sempre, algo havia se modificado sutilmente. Foi o que percebi pela conversa sussurrada dos dois homens na cabine, sentados frente a frente, levemente inclinados para diante. Falavam do possível fim da guerra e do que fariam se viesse de repente. “Não haverá outra opção a não ser se matar com um tiro”, disse um deles olhando rapidamente para mim, para ver se eu havia entendido alguma coisa.

Qual não terá sido o alívio desses dois homens, ao verem, alguns dias depois, cartazes em vermelho-fogo, pregados às pressas, por toda a parte, para o apaziguamento da população, com o seguinte teor:

Foram condenados à morte por alta traição:  
  
   Christoph Probst, 24 anos  
   Hans Scholl, 25 anos  
   Sophia Scholl, 22 anos

   A sentença foi executada.

A imprensa falou em individualistas irresponsáveis que, por meio de seus atos, teriam se excluído automaticamente da Comunidade do Povo (*Volksgemeinschaft)*. Corria de boca em boca que quase cem pessoas haviam sido detidas e que ainda haveria mais sentenças de morte. O presidente do Tribunal do Povo (*Volksgerichtshof*) viera especialmente de Berlim, de avião, para por um termo no caso.

Mais tarde, em um segundo processo, foram condenados à morte e executados:

Willi Graf

Professor Kurt Huber

Alexander Schmorell.

Mas o que eles haviam feito? No que consistiram os seus crimes?

Enquanto alguns zombavam deles e jogavam seu nome na lama, outros os chamavam de heróis da liberdade.

Mas podemos realmente chamá-los de heróis? Eles não realizaram nada de sobre-humano. Defenderam algo simples, lutaram por algo simples, pelos direitos e pela liberdade do indivíduo, pelo livre desenvolvimento da personalidade e por uma vida livre. Eles não se sacrificaram por nenhuma ideia extraordinária, não perseguiram grandes objetivos; o que eles queriam era que pessoas como eu e você pudessem viver em um mundo humano. E talvez aí esteja seu grande feito: que, por algo tão simples, eles tenham lutado, arriscado suas vidas e tido forças para defender o mais fundamental dos direitos com o sacrifício último. Sem o entusiasmo geral, sem grandes ideais, sem um objetivo maior, sem respaldo de alguma organização, sem nenhum tipo de obrigação, talvez seja mais difícil lutar por uma boa causa e entregar a ela sua vida, em total solidão. Talvez o verdadeiro heroísmo consista justamente nisso: em defender com persistência o cotidiano, o pequeno, o óbvio – depois que já se falou demais em grandes temas.